



A Educação como Mediadora no Processo da Inclusão de Alunos Surdos na Rede Regular de Ensino

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ

MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER

RESUMO

Sabendo-se que o movimento inclusivo nas escolas vem sendo intensificado e que a cada dia cresce o número de pessoas que usam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, em Instituições de Ensino, considera-se que a comunicação do surdo através da Libras trará muitos benefícios aos sujeitos surdos e ouvintes, fazendo com que os mesmos tenham um real processo de ensino/aprendizagem, quando incluídos nas redes regulares de ensino. Pode-se afirmar que o acesso a educação é uma questão de direitos humanos e que pessoas surdas e deficientes auditivos devem estar inseridas nas escolas tendo com eles educadores bilíngues e/ou profissionais Tradutores Interpretes de Língua de Sinais – TILS. No entanto, estes profissionais precisam muitas das vezes modificar sua metodologia de trabalho para que aja um real processo de inclusão com todos os alunos. Este artigo busca analisar o contexto educacional e o educador, como ferramentas de inclusão e socialização para o aluno surdo. A investigação, realizada por meio de entrevista com alunos surdos e professores de algumas disciplinas em sala de aula, mostrou que o aluno surdo aprende e se desenvolve com mais clareza quando o professor domina a Libras ou quando se tem intérpretes em sala, sendo assim consegue entender e também ser socializar com o conteúdo/disciplina. Tal aproximação se justifica uma vez que o acesso ao conhecimento se dá através da interação entre educador e o aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão; Libras; Surdo; Educação; Escola.

A Educação como Mediadora no Processo da Inclusão
de Alunos Surdos na Rede Regular de Ensino

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ
MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER



ABSTRACT

Knowing that the inclusive movement in schools has been intensified and that every day grows the number of people using the Brazilian Sign Language - Libras in educational institutions, it is considered that the deaf communication through the Pounds will bring many benefits to deaf and hearing subjects, making them have a real teaching / learning process, when included in regular education systems. It can be said that access to education is a human rights issue and that deaf and hearing impaired people should be placed in schools with bilingual educators with them and / or professional Interpreters Translators Sign Language - TILs. However, these professionals often need to modify their working methods for acting a real process of inclusion with all students. This article analyzes the educational context and the teacher, as inclusion and socialization tools for deaf students. The research conducted through interviews with deaf students, teachers and analysis of videos of some subjects in the classroom, showed that the deaf student learns and develops more with the teacher when, despite not having the field of pounds, can transmit your content . Such an approach is justified since access to knowledge is through the interaction between the educator and the student.

KEYWORDS: inclusion; pounds; Deaf; education; school.

A Educação como Mediadora no Processo da Inclusão
de Alunos Surdos na Rede Regular de Ensino

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ
MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER



INTRODUÇÃO

Atualmente, a inclusão é tema de muitos debates no campo educacional sendo que a ideia que se tem de inclusão, é a de possibilitar que o aluno com algum tipo de necessidade educacional especial, tenha acesso ao ambiente escolar em sua totalidade. Neste sentido, entendemos que a rede regular de ensino deve possibilitar o acesso de todas as crianças, independente de suas “limitações”, aos ambientes educacionais, excluindo as “barreiras” que impedem estes alunos de ter um real processo de ensino e aprendizagem.

Foi a partir do século XIX, que pessoas do campo da medicina, da biologia e da saúde, começaram a estudar as pessoas com deficiência de modo a procurar o porquê dos seus problemas. De acordo com Sasaki a inclusão social é um processo que contribui para a construção de uma nova sociedade através de pequenas e grandes transformações, tanto nos ambientes físicos como na mentalidade de todas as pessoas¹.

Para Soares:

O processo da inclusão é possível, basta somente acreditarmos na capacidade, no potencial a ser desenvolvido e respeitar a individualidade e a diversidade das crianças com necessidades educativas especiais, estabelecendo um vínculo afetivo entre os integrantes do processo².

¹ SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

² SOARES, A. R. Inclusão ou integração? Educar para a vida. Abc Educatio. Nº 59 setembro 2006.

A Educação como Mediadora no Processo da Inclusão
de Alunos Surdos na Rede Regular de Ensino

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ
MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER



A teoria sobre o que é inclusão, muitos conhecem bem; a dificuldade é como aplicá-la, uma vez que existe a probabilidade da criança com necessidades educativas especiais não atingir os objetivos propostos pela escola. Assim o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e seu rendimento pessoal devem sempre ser estimulados e avaliados. Corroborando, Jover afirma que:

todo mundo se beneficia com a educação inclusiva. Para os estudantes com deficiência, eles aprendem a gostar da diversidade, adquirem experiência direta com a variedade das capacidades humanas, se tornam pessoas mais preparadas para a vida adulta em uma sociedade diversificada. Já o estudante sem deficiência tem acesso a uma série de ideais bem mais amplas de papéis sociais, perdem o medo e o preconceito em relação ao diferente, são melhores preparados para a vida adulta porque desde cedo assimilam que as pessoas são diferentes, e que essas diferenças são enriquecedoras para o ser humano³.

Também a respeito da deste assunto, Freire diz que é muito importante que na educação, a inclusão do outro sujeito seja de forma independente, criativa, solidária e construtora da sua própria história⁴.

Novos conhecimentos surgem, trazendo conceitos numa visão mais dinâmica e humanística, ou seja, antes de ser uma pessoa com deficiência, diferente, é pessoa com direitos e deveres iguais aos demais seres humanos, precisando que lhes sejam, oferecidas às mesmas condições de vida⁵.

³ JOVER, A. Inclusão: qualidade para todos. Nova Escola, São Paulo, nº 123, jun. 1999, p. 12.

⁴ FREIRE, P. Globalização e educação: o papel da inclusão à luz do pensamento de Paulo Freire. Educação & linguagem. Nº 13, 2006.

⁵ PEREIRA, O. Educação Especial: atuais desafios. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.



Entendemos, dessa forma, que o desenvolvimento cognitivo e linguístico somente ocorrerá se a criança surda entrar na escola com a idade adequada, ou seja, de zero a três anos. De acordo com Luria & Yudovich “A linguagem, que encerra a experiência de gerações, ou da humanidade, falando num sentido mais amplo, intervém no processo do desenvolvimento da criança desde os primeiros meses de vida.” Luria & Yudovich p11” Sendo assim, um dos objetivos do educador é propiciar a essas crianças o desenvolvimento natural da Língua Brasileira de Sinais - Libras como forma de expressão linguística, e como suporte do pensamento e do desenvolvimento cognitivo.

A Língua Brasileira de Sinais é um sistema convencional de sinais estruturados da mesma forma que as palavras são estruturadas nas diferentes línguas naturais. Assim, a aprendizagem da LIBRAS permite que a criança surda expunha seus sentimentos, desejos e necessidades com maior rapidez e naturalidade. Permite o desenvolvimento dos processos mentais complexos, a estruturação do pensamento e da cognição, e fluente interação social. Ativando conseqüentemente o desenvolvimento da língua. Luria e Yudovich (1987) p.13 falam sobre as descobertas de Vygotsky para a grande importância que a linguagem tem na formação dos processos mentais. Sendo que estes processos começam com a comunicação (interação) entre o adulto e a criança. “A palavra influi sobre a criança enriquecendo e aprofundando sua percepção direta e conformando sua consciência”.



A escola como parceira para a inclusão

Somente entendendo que as origens de todos os processos mentais complexos não estão nas profundezas da alma e sim nas formas complexas de vida social do homem e na comunicação da criança com as pessoas que a rodeiam é que poderemos, finalmente, superar os preconceitos arraigados durante séculos na ciência psicológica. **Luria e Yudovich (1987) p.p14**

O processo de inclusão é de responsabilidade governamental, bem como reestruturação da instituição que receberá o indivíduo com necessidades especiais, Para que se possa realmente efetivar um real processo de inclusão da criança surda, é indispensável que ela se encontre dentro do âmbito escolar, assim como também se faz necessária a capacitação em língua de sinais dos educadores que receberão estas crianças. Desde modo a escola deve dedicar-se, a promover cursos de capacitação de professores que tem em suas salas crianças com necessidades especiais, propiciando estudos e pesquisas na área da surdez, linguagem e educação, desenvolvendo teorias e técnicas para subsidiar o trabalho de outros profissionais, sensibilizar os familiares e a população em geral para o respeito às potencialidades dos surdos, objetivando a integração plena dos seus alunos.

O objetivo da inclusão escolar é transformar as escolas e a sociedade, criando espaços de construção do conhecimento e ensino de qualidade para todos os envolvidos. Toda inovação implica em mudanças, quebra de paradigmas, de conceitos e posições que fogem às regras tradicionais, e com a inclusão, não poderia ser diferente.

A inclusão no ensino regular, mesmo com as dificuldades existentes, continua sendo um dos mais importantes meios de socialização, pois como a

A Educação como Mediadora no Processo da Inclusão
de Alunos Surdos na Rede Regular de Ensino

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ
MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER



escola é o primeiro ambiente de socialização fora da família, é imprescindível que todas as crianças, "iguais" ou "diferentes", interajam no mesmo ambiente, para que não sentindo-se inferiorizadas, possam estabelecer relações de respeito sobre as diferenças uns dos outros.

De acordo Luria, a diferença entre surdos e ouvintes “decorre da interação que há entre eles”; por acreditar que o meio influencia no desenvolvimento de qualquer indivíduo, o autor afirma que a deficiência não torna a criança um ser que tem menos possibilidades, mas que tem possibilidades diferentes”⁶.

Diante de tantos conceitos, é importante salientar que, para haver inclusão, é necessária uma mudança nos paradigmas, na percepção do que é educação inclusiva, sendo que o entendimento de novos valores precisa partir do respeito às diferenças e do aprender a conviver com o diferente.

No processo de inclusão, a criança com necessidades educacionais especiais não pode ser vista apenas por suas dificuldades, limitações ou deficiências. Deve ser vista na sua dimensão humana, como pessoa com possibilidades e desafios a vencer, de forma que os laços de solidariedade e afetividade sejam construídos e não quebrados.

Todos têm potencialidades e fraquezas. Independente do grau de dificuldades, as potencialidades devem ser estimuladas e desenvolvidas. Os limites jamais devem ser impostos por outras pessoas que não a própria pessoa com deficiência, a partir do momento em que ela aprende a ter consciência de sua diferença. Aceitar, amar e respeitar alguém que é diferente faz com que pais e educadores cresçam juntos com essa pessoa.

⁶ VYGOTSKY, L. Linguagem, Desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1996.



O professor como mediador para a aquisição da Língua Brasileira de Sinais

É necessário que haja uma reflexão sobre a postura do educador na sala de aula, no que diz respeito à educação de surdos. Pois, a grande maioria dos educadores das instituições educacionais, ainda utilizam como método de ensino a exposição oral e o quadro de giz, como um recurso privilegiado, no entanto estes métodos de ensino-aprendizagem para os alunos surdos são práticas insuficientes e inadequadas. Luria comenta que Vigotsky foi convencido pelas pesquisas realizadas do grande significado da linguagem na formação dos processos mentais. Que o desenvolvimento mental humano tem origem na comunicação *verbal*, e porque não dizer *sinalizada*, entre a criança e o adulto.

Quando incluídas nas redes regulares de ensino as crianças surdas necessitam de uma atenção maior para se desenvolver e participar de todo o processo educativo. Daí a importância da formação do educador. É necessário que este tenha domínio da Libras, para que assim as crianças possam ativar as suas competências linguísticas, e conseqüentemente, a aprendizagem e compreensão, contribuindo para a formação enquanto ser crítico social, capaz de interagir na sociedade em que vive.

Assim a criança surda deve ter acesso desde cedo a sua língua materna (neste caso a LIBRAS), pois não ter acesso a uma língua, ou ter acesso apenas a fragmentos de uma língua compromete em muito a aquisição da linguagem e os processos de abstração e generalização do conhecimento.



Cada criança tem seu ritmo próprio, seu potencial, ninguém é igual ao outro. Cabe ao educador conhecê-lo e trabalhar suas dificuldades sempre respeitando a cultura, linguagem, dificuldades e capacidades de cada aluno. Para uma criança surda ou com deficiência auditiva a assimilação não será tão rápida dentro de uma classe inclusiva, uma vez que ela necessitará de metodologia e de materiais pedagógicos apropriados, que possam auxiliar em seu processo de ensino aprendizagem. Lembremos que o canal de comunicação e aprendizado dos ouvintes é oral-auditivo enquanto que dos surdos é visual espacial.

Entende-se que para que as condições educacionais sejam iguais, faz-se necessário aceitar e compreender as variadas formas de expressão. Como uma proposta inclusiva, o educador poderia promover para os alunos ouvintes alguns momentos e situações que os levasse ao uso da Libras, o que propiciaria um real processo de integração e desenvolvimento da comunicação entre os envolvidos. Para os surdos, esta metodologia se mostraria como um estímulo à sua inclusão no ambiente escolar.

Conclui-se que, nessa troca de conhecimentos surge uma nova alternativa na comunicação de ambos os sujeitos, ou seja, tornam-se indivíduos bilíngues. Nessa perspectiva, integrar o surdo junto aos ouvintes requer cuidados como levar em consideração suas características linguísticas sem subestimar a capacidade de cada um de superar suas dificuldades.

O caminho, a nosso ver prosseguiria os passos de aceitar e respeitar as diferenças no ambiente escolar; b) propiciar momentos de debates, vivências, troca de experiências e cursos de capacitação para os docentes que receberiam essas crianças em sala de aula; e c) motivar os educadores a criarem momentos de integração linguística entre alunos surdos e ouvintes

A Educação como Mediadora no Processo da Inclusão
de Alunos Surdos na Rede Regular de Ensino

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ
MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER



dentro de sua classe. Promovendo desta feita, um real processo de inclusão dos alunos surdos nas redes regulares de ensino.

Referências

- FREIRE, P. Globalização e educação: o papel da inclusão à luz do pensamento de Paulo Freire. *Educação & linguagem*. Nº 13, 2006.
- JOVER, A. Inclusão: qualidade para todos. *Nova Escola*, São Paulo, nº 123, jun. 1999, p. 12.
- LURIA & YUDOVICH. *Linguagem e Desenvolvimento Intelectual na Criança*. Trad. José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre. Artes Médicas. 1987.
- PEREIRA, O. *Educação Especial: atuais desafios*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez. 1999.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- _____. *Educação para o trabalho e a proposta inclusiva. Educação Especial: tendências atuais*. Brasília: MEC. Secretaria de Educação à Distância Brasília, p. 41, 1999.
- SOARES, A. R. *Inclusão ou integração? Educar para a vida*. *Abc Educatio*. Nº 59 setembro 2006.
- TELFORD, C. W. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Linguagem, Desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1996.
- WERNECK, C. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro: ED. W.V.A, p. 58, 1997.

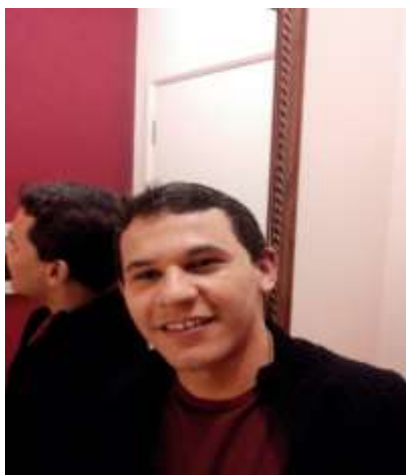
A Educação como Mediadora no Processo da Inclusão
de Alunos Surdos na Rede Regular de Ensino

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ
MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER



Identificação dos Autores

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ



Pedagogo pela Faculdade Cenecista de Vila Velha - FACEVV
Psicopedagogo pela Faculdade de Educação da Serra - FASE
Especialista em Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS pela Faculdade de Educação da Serra - FASE
Graduando em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Cursando Técnico Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pelo Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC campos Palhoça Bilíngue
E-mail: brazws@gmail.com

MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER



Pedagoga pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI.
Graduando em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
E-mail: chelly.s@hotmail.com / Michelle.schlemper@ufsc.br

A Educação como Mediadora no Processo da Inclusão
de Alunos Surdos na Rede Regular de Ensino

ADAKCIEL TIAGO MARTINS BRAZ
MICHELLE DUARTE DA SILVA SCHLEMPER